



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DISTÚRBIOS EMOCIONAIS, COGNITIVOS E COMPORTAMENTAIS
NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Docente: Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

Docente colaboradora: Dra. Fabiana Maris Versutti

Monitoras: Dnda. Myrian Silveira, Me. Isabela Rebessi, Me. Beatriz Lobo, Me. Fernanda Esteves, Me. Isabella Wada, Mnda. Camila Amorim, Psic. Alessandra Rezende, Psic. Eloha Flória e Psic. Mariana Risso.

CASO AUGUSTO - PARTE 3

Augusto chega na sessão trazido por sua mãe, no horário das 18h após sair da escola. Ele cumprimenta a psicóloga de forma tímida, olhando para o chão e falando baixo. Ao entrar e ver a sala organizada para atendimento infantil, com diversos brinquedos, jogos e materiais gráficos, Augusto muda sua expressão facial para mais animado.

Ao notar essa mudança de humor, a terapeuta informa Augusto que ele poderá escolher com o que quer brincar. A criança responde “*não sei... Tanto faz. Pode escolher você*”. Assim, a terapeuta traz algumas opções de jogos adequadas à idade da criança e pergunta se ele está familiarizado com algum deles. Augusto diz “*não sei jogar esses jogos. Eu não sou bom com essas coisas. Eu não consigo aprender com o manual*”.

Percebendo que a criança demonstrou certa tristeza na voz, a psicóloga acolheu o jovem e também procurou investigar se ele se sentia assim com mais aspectos de sua vida. Augusto relatou que “*é que é muito difícil para mim sabe... Parece que todos meus amigos aprendem a fazer as coisas muito rápido, eu fico para trás. Sempre que tem que ler instruções eu me perco. Pra piorar, tem muita gente que já acha que eu sou inteligente porque sou asiático e minha mãe ainda acha que eu tenho que estudar pra ser alguém na vida. Você acredita que ela já quer até saber o que eu quero ser quando for adulto?! Um dia desses ela ficou me perguntando e dizendo que eu tinha que ter uma profissão, um futuro para eu não ser igual ela, que trabalha o dia inteiro igual uma condenada. Ela falou que eu tenho que me esforçar mais se eu quiser ser alguém na vida e que isso já começa agora, entrando logo na sala mais difícil da escola! Ela também fala que*

trabalha muito para me dar essa escola boa e que eu tô sendo preguiçoso. Eu fiquei muito nervoso, minha cabeça parecia que ia explodir com tanta coisa sabe e até minha mão ficou suada”. Conforme o jovem foi contando as situações, a psicóloga notou que ele foi ficando mais bravo, com falta de ar e, ao final, estava gritando, agitado e segurando o choro.

Frente a isso, a terapeuta buscou acalmar Augusto e identificar atividades e habilidades que ele se sentisse mais confortável e confiante. O menino então relatou que gosta de jogar futebol e faz aula na escola no período da tarde. Já em casa, disse que gosta de jogar jogos de tiro ou corrida no celular, ver vídeos que ensinam a melhorar no jogo, desenhar e, no condomínio, também gosta de jogar Uno com seus amigos.

Como a psicóloga tinha esse jogo no consultório, ofereceu ao menino e ele aceitou animado. Durante o jogo, foi possível observar que Augusto compreendia e seguia as regras, reconhecia todos os números e símbolos das cartas e até planejava estratégias elaboradas para vencer mais rápido, apresentando boa capacidade de raciocínio lógico. A criança ganhou duas partidas, mas perdeu a última. Quando isso ocorreu, ele falou *“eu sou burro mesmo, não sirvo nem para jogar Uno”*.

Ao final, Augusto pediu para a psicóloga *“ver com a mãe dele se convencia ela a mudar de ideia sobre entrar na turma difícil”*. A criança demonstrou estar confortável com a terapeuta e verbalizou *que “até que foi legal vir aqui com você. Minha mãe falou que você ia me ajudar a estudar e não foi bem isso que a gente fez né? Ainda bem porque senão ia ser um saco!”*.

Questões norteadoras

1. Augusto apresenta novos sintomas que ainda não foram identificados nas demais sessões?
2. É possível confirmar alguma hipótese diagnóstica? Por quê?
3. Quais são os próximos encaminhamentos para esse caso?